

## MEMÓRIAS DE E SOBRE PAU DE COLHER: COMO OS SUJEITOS LEMBRAM?\*

Gilmário Moreira Brito\*\*

Este texto trata da experiência religiosa de Pau de Colher a partir de preocupações com memória e expressões de uma religiosidade popular. Embrenhado no sertão, numa região de fronteira, Pau de Colher só ganhou visibilidade quando seus integrantes foram chacinados pelas polícias militares dos estados de Pernambuco, da Bahia e do Piauí que, acompanhados de jornalistas, noticiaram aquele episódio.

Em 1986, participando de um grupo de pesquisa<sup>1</sup>, reunimos depoimentos de vários remanescentes e contemporâneos dessa experiência religiosa no município de Casa Nova, na Bahia. Os entrevistados registraram em suas lembranças que as atividades religiosas se iniciaram em torno de 1934, após a passagem do Beato Severino Tavares, vindo de Caldeirão, no Ceará, onde estava em curso outra experiência religiosa. Fazendo proselitismo em vários estados nordestinos, Severino chegou na região<sup>2</sup>, pregando durante a noite; esses sermões foram assistidos por Senhorinho, um dos proprietários da fazenda Pau de Colher. Sensibilizado com os conselhos religiosos preconizados pelo Beato e desejando dar continuidade a essa prática religiosa, Senhorinho passou a reunir,

---

\* Texto produzido a partir de outras reflexões e abordagens da minha dissertação de mestrado *Pau de Colher na letra e na voz*, defendida junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP, 1997.

\*\* Professor de História da Universidade Estadual de Feira de Santana/DCHF, doutorando da PUC- SP.

1 Essas entrevistas fazem parte de um projeto amplo *A formação histórica da Região de Sobradinho*, desenvolvido pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional CAR, e pelo Programa de Mestrado em Ciências Sociais da UFBA, do qual participei como pesquisador, sob a coordenação da Professora Maria Alba Guedes Melo.

2 Cf. o estudo pioneiro sobre essa temática em Duarte, Raymundo. "*O Movimento Messiânico de Pau de Colher: notas preliminares*", UFBA /MCS, Salvador – Ba. 1969. (fotocopiado)

aos domingos, grupos de várias localidades circunvizinhas para a leitura da Bíblia e da “Missão Abreviada”. Ao longo de três anos, em visitas familiares, a experiência foi tomando corpo; seus participantes foram mudando hábitos, valores e normas de convivência, vestindo cores escuras, em sinal de luto pela morte de Padre Cícero, passaram a se tratar como irmãos e a rezar diariamente. No natal de 1937, quando se reuniram na fazenda Pau de Colher para dar continuidade às atividades religiosas, o acampamento foi cercado e invadido por uma força municipal composta de militares e apenados<sup>3</sup>, que acabou vitimando fatalmente Senhorinho. Com sua morte, ganhou destaque José Camilo, que se notabilizou pela compreensão e interpretação que fazia de textos sagrados, para seu universo cultural, mesmo sendo iletrado. Seus depoimentos, juntamente ao de outro remanescente, Luiz Dentão e de contemporâneos, colhidos em diferentes momentos (1986, 1987 e, posteriormente, em 1996) constituem fontes de memória deste texto.

No conjunto dos depoimentos, destacam-se as lembranças de José Camilo, chamando atenção sua recusa inicial em lembrar Pau de Colher. Tal procedimento ilumina o sentido do seu “esquecimento”; enxerga o mundo de hoje como ilusório, porque a maioria das pessoas está interessada mais no consumo fácil, assumindo comportamentos morais e éticos desabonadores aos olhos de Deus. Para ele, pouquíssimas pessoas querem saber e praticar “as passagens do que é bom”, isto é, da mensagem religiosa que esteve na base de como vivenciaram a experiência de Pau de Colher. “Só um ou dois dá valor, a maioria não dá valor” (José Camilo, 1986).

Além disso, a hesitação ante as lembranças está articulada a um sentido persecutório. Lembrar daquela experiência remetia, necessariamente, à interrupção violenta das suas atividades religiosas pela polícia e às dores pelas perdas de parentes e amigos.

Não há interesse eu não conto porque prá eu contar invés de eu aliverá minha situação vai me servir de perseguição... (José Camilo)

Um dos aspectos constitutivos da maior parte das narrativas em que trabalhamos as memórias de Camilo é a intervenção violenta das polícias militares estaduais, ação internalizada a partir da configuração de perseguição.

Percebemos que, passados cinquenta anos, encontra-se nas memórias de José Camilo e outros integrantes daquela experiência religiosa, a mesma expressão com que

---

3 Contingente de civis que, armados, dispuseram-se auxiliar a ‘força policial municipal’ de Casa Nova no combate aos participantes de Pau de Colher.

jornalistas da imprensa baiana<sup>4</sup> registraram as palavras de Camilo em 1938, sob o impacto da repressão policial. A idéia de perseguição aparece de forma candente em algumas passagens dos depoimentos, associada à ação policial, constituindo um ponto de inflexão que ganha sentidos de ruptura na memória dos remanescentes de Pau de Colher. Sobressai, ainda, em sua narrativa, que aquela interrupção brusca da vivência religiosa foi apreendida como “desbandalho”, quando nos registros policiais, por várias vezes, encontramos menções à “debandada” dos integrantes de Pau de Colher, ao referirem-se à sua dispersão pelas forças policiais<sup>5</sup>. Quer nos parecer que “debandada” – termo corrente no vocabulário letrado – foi interiorizado na expressão “desbandalho”, que quer dizer separar, fragmentar, dispersar uma manifestação, registrada na memória como uma perseguição, na acepção bíblica. Conforme suas palavras:

... mais sabe o que acontece, vocês agora vão ser *perseguido*, perseguido mesmo (...) o *desbandalho* que acabou com todo mundo foi no dia 19 [de janeiro].

... ele disse assim, disse filhos: esse conselheiro que esta ai entre vocês, esse conselheiro é, era *prometido*, era prometido e no *final dos tempos* ele *aparecia* ... este *conselheiro* é só um não tem um mais dois conselheiro não, é só um conselheiro e se depois aparecer mais conselheiro no conjunto de vocês e vocês apanhar ele, o que acontece é que vai aparecer uma chuva grossa e vocês vão embora tudo na *enchorrada*, ... essa palavra aí é parábola num sabe, é uma parábola, a chuva grossa apareceu, foi bala, foi bala, maior parte do pessoal quase morre tudo. (José Camilo, 1986, grifos meus)

Essa articulação de fragmentos da fala de José Camilo é ilustrativa da forma com que incorporou vocábulos e mensagens bíblicas na narrativa de suas experiências de vida. É cortante, nas suas memórias, a utilização de metáforas dos textos sagrados para explicar passagens e comportamentos do seu cotidiano. Sintomáticos, em sua narrativa, são os sentidos, assumidos por palavras que, presentes nas escrituras bíblicas, foram (re)significadas à luz de padrões de referência peculiares à cultura caatingueira.

---

4 Azevedo Marques, *Jornal Estado da Bahia \ Diários Associados*. Salvador 24\02\1938 “Sofremos as maiores penas. Não estamos arrependidos, pois o nosso sofrimento produzirá a salvação de nosso conselheiro e lançara o castigo aos perseguidores de nossa gente.”

5 Relatório n. 1: do Cap. Maurino Cezimbra Tavares ao Comandante da Polícia Militar da Bahia, Cel. Tito Lamego, 4/02/38.

Relatório n. 2: do Cel. Tito Lamego ao Secretário de Segurança Pública. 08/02/1938.

Relatório n. 3: do Tenente Zacarias Justiniano dos Santos ao Dr. Landulfo Alves de Almeida, Intervenitor do Estado da Bahia, 30/06/38.

São palavras recorrentes em toda sua narrativa que, no depoimento acima, destacamos para tentar apreender os significados, a elas atribuídos, pelos participantes de Pau de Colher.

Se a palavra *perseguido* foi utilizada para manifestar como memorizaram a intervenção da polícia militar, adquire sentido de que vivenciaram aquela experiência religiosa como povo perseguido, conforme a escritura bíblica; *desbandalho*, que é uma palavra inexistente no universo vocabular letrado, representa, na cultura sertaneja, despedaçar, dispersar uma manifestação, conforme a Diáspora no contexto bíblico. Já *prometido*, traduz a intenção de cumprir algo apalavrado, assumindo caráter escatológico da vinda de um messias, para enfrentar os sofrimentos e redimir a humanidade de todos os males.

Ser arrastado pela “*enchorrada*” sugere uma interpretação nordestina do dilúvio, que, na concepção de Camilo, consumou-se como chuva de balas, com a qual os policiais dispersaram a experiência religiosa. Nesta perspectiva, apreende-se que Camilo estabeleceu uma leitura bíblica para o que tinham vivido, ainda explicitando que estavam à espera de um conselheiro, prometido para o final dos tempos, como o Messias – o Salvador –, no discurso da Bíblia.

Ao que tudo indica, aguardavam o retorno do conselheiro Severino Tavares, que havia passado em Pau de Colher em 1934 e alertado para a possibilidade de aparecer um impostor, alguém que se faria passar por ele.

É importante tentar compreender que, no imaginário social do Nordeste, o conselheiro, que no universo bíblico representa um profeta, ganha expressão e é incorporado na cultura regional como aquele que dá e faz aconselhamentos a partir do tácito reconhecimento do seu poder religioso, indissociado de uma rede de relações de compadrio, comum às regras de sociabilidade da região.

O impressionante é que todas essas passagens de seu depoimento, que apresentam profunda significação bíblica articuladas ao Apocalipse de São João<sup>6</sup>, ganham sentido próprio nos seus modos de viver mediados por uma leitura/escuta da Bíblia.

Nesta direção, o embaralhamento, em suas memórias, entre vocábulos, construções de frases e argumentos bíblicos com os de seu cotidiano e contexto social, deixa ver que José Camilo leu/escutou textos sagrados à luz de suas tradições e práticas culturais,

---

6 A Igreja Católica o considera como um livro profético de revelação da segunda aparição de Jesus Cristo, para o Juízo Final.

formulando falas e projetando imagens que entremeavam seus modos de vida aos ensinamentos bíblicos.

De outra parte, o prometido, o apalavrado – combinado, acertado –, remete para a força e a confiança na palavra falada, empenhada, dando a entender o poder da fala entre grupos articulados por tradições orais. Assim, de diferentes modos, suas memórias possibilitam compreendê-los enraizados na fronteira entre escrituras sagradas e a oralidade.

Ainda acompanha-se, na narrativa de Camilo, uma (re)codificação de parábolas, profecias bíblicas – quase sempre relacionadas a um imaginário apocalíptico –, que adquirem sentido próprio na cultura caatingueira. Chama atenção que, no universo de uma cultura oral, tenha aprendido a palavra de Deus mediante parábolas, que contêm mensagens abertas, de conteúdo metafórico, suscetíveis de serem reelaboradas e retomadas continuamente. A utilização desse recurso de uma linguagem erudita, eclesiástica por parte de José Camilo, talvez abra possibilidades de ampliarmos nossas formas de compreensão da representação da realidade sociocultural produzida por grupos populares na região.

ói as parabolo, as parabolo ele disse e o povo ouvindo, agora a criatura que souber interpretar ... cada parabolo dessa é um ramo duma história, ... muita gente não compreende, lê o caso no livro mas não compreende prá declarar o que é.<sup>7</sup> (José Camilo, 1986)

Se o recurso a parábolas aponta para uma narração alegórica, na qual um conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior,<sup>8</sup> é na mediação entre o real e o imaginário que a utilização de parábolas sugere, na fala de Camilo, que nos aproximamos de suas memórias, na intenção de apreendermos sua “história com significados”<sup>9</sup>. Se narrou por parábolas, nosso esforço foi de apreender os sentidos possíveis de sua fala, trabalhando com as parábolas como interdito; indo além das palavras, nos significados e associações que anunciou.

---

7 José Camilo. Fita 04, pp. 3 e 4.

8 Ferreira, Aurélio B. H. *Novo dicionário da língua Portuguesa*. 2a. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, J.E.M.M. Editores, 1986.

9 Peter Burke, em *O mundo como teatro – estudos de antropologia histórica* (trad. Vanda Maria Anastácio. Lisboa, Difel, 1992), chama atenção para “história com significado simbólico”, p. 243.

Já de início, percebe-se o processo de transmissão: “*ele disse*”, para um “*povo ouvindo*”. Dizer e ouvir são os verbos principais na oralidade. No depoimento, “*ouvindo*” no gerúndio ainda sugere tratar-se de uma ação que vem de um passado qualquer e que continua no presente. Daí, talvez uma referência da oralidade estar na repetição de certos episódios ao longo do tempo, em retomadas e reelaborações de acordo com as relações e inserções de interlocutores, em diferentes situações históricas.

“*Cada parábola é um ramo de uma história*”. Conforme a Bíblia, por intermédio de parábolas Jesus Cristo pregava, isto é, expressava-se oralmente, falando para um coletivo – a multidão de seus seguidores – disseminando, através da utilização de recursos próprios, os ensinamentos do Evangelho. Como parábola é uma alegoria, uma noção figurada, e cada uma delas “*é um ramo de uma história*”, podemos entender que a incorporação pode ser reelaborada, conforme os tempos, lugares e agentes envolvidos nas histórias. Entretanto, para que isso ocorra, conforme as palavras de José Camilo, é necessário não apenas saber ler, mas, principalmente, compreender e interpretar para “*declarar o que é*”. Não adianta “*lê o caso no livro mas não compreender prá declarar o que é.*” Desta forma, essa passagem merece destaque, pois sinaliza a diferença entre ler\ouvir e saber declarar\dizer<sup>10</sup>, expressando a capacidade de traduzir a Bíblia para compreensão de suas experiências de vida, incorporando seus ensinamentos para estruturarem modos próprios de ler, pensar e viver.

... Eu conheci pelos dizere da palavra de Deus no evangelho da Bíblia cá entre nós, *vi alguns dizere do livro* que são abreviada, esse livro hoje ninguém compra mais não, mas êta livros de uma história arriada, porque a Bíblia é uma coisa muito importante, há certas palavras é em assunto parabolo, ... é pouca gente que compreende, mas na Missão Abreviada, não, é assim pam, pam e vão dizendo e mostrando o resultado, porque a Bíblia não, ... os dizere da Bíblia... teve muita coisa de parabolo ... (José Camilo, grifos meus)

Além de esclarecer que teve acesso ao conhecimento “*pelos dizere da palavra de Deus*”, explicitou que se relacionou com o livro vendo seus dizeres e não sua escrita – “*vi alguns dizere do livro*”. Ainda explicitou como apreendeu a diferença entre a Bíblia e a Missão Abreviada, uma simplificação da Bíblia, escrita numa linguagem direta – “*pam, pam*”-, na emblemática síntese de Camilo. A partir dessa explicação, José Camilo entende que nem toda pessoa alfabetizada compreende parábolas, porque é um assunto que requer conhecimento, competência e uma certa inspiração, “*... pelo*

---

10 Ferreira, Aurélio. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 1986.

dom da natureza, não tem quem ensine não ... a criatura vê uma mostra e por ali ele faz em apanhamento do que vê, é isso e pronto ...". Para ele, quem tem essa competência "vê uma mostra", isto é, um exemplo, a partir do qual "faz um apanhamento", aproveitando aquilo que é mais importante ou expressivo para compreender e poder vislumbrar outras possibilidades de aplicação do que entendeu.

A utilização de *ver* merece atenção, porque indica a forma como sujeitos constituídos na oralidade perceberam as "pregações" e leituras, que eram transmitidas pela voz, sons e, possivelmente, pelos gestos. O envolvimento das pessoas, no tipo de pregação que estavam acostumadas, não era apenas de ouvir, mas, principalmente, de *ver* as expressões fisionômicas, corporais, gestuais.

Na experiência de saber através de livros sagrados, nas direções acima apontadas, José Camilo estabeleceu uma distinção entre o conhecimento do Evangelho por intermédio da Bíblia e de um livro que se tornou muito popular – *Missão Abreviada* – que, tendo sido posto em circulação pelas "Santas Missões" dos capuchinhos, posteriormente deve ter sido disseminado no Nordeste, pela maioria dos beatos.

Segundo Eduardo Hoornaert<sup>11</sup>, há indícios de que uma impressão resumida e popularizada da Bíblia, a *Devotio Moderna*, foi introduzida em Portugal pelos frades oratorianos seculares, sendo que o padre Manuel Couto, dessa ordem, foi o autor da famosa *Missão Abreviada*. Esta versão da Bíblia circulou nas fazendas do sertão nordestino na segunda parte do século XIX e foi o livro de algibeira de Antônio Conselheiro, dentre outros tantos beatos<sup>12</sup>.

Assim, conexões entre o que grupos sertanejos viviam e as escrituras bíblicas ainda podem ser apreendidas mediante o acompanhamento e problematização das formas

---

11 E. Hoornaert identifica a existência da "Devotio Moderna" (Devoção Moderna) na Europa do século XIV, especialmente na Espanha e Portugal, sugerindo que a devoção praticada no Brasil do período colonial é filha desse famoso livrinho, introduzido pelo devoto Gerd Groote, que havia abandonado os livros eruditos e assumido uma prática pastoral itinerante, "uma espécie de ermitão pastoral" que articulou de forma contagiante a "união entre as dinâmicas propriamente monásticas da vida devota e suas dinâmicas pastorais", contra o "elitismo monástico e celibatário". A ampla repercussão da Devoção Moderna acabou por produzir um pequeno livro (opúsculo) denominado *Imitatio Christi*, que sugere a "equiparação de clericos e leigos em relação à vida devota: todos são chamados à santidade, celibatários e casados, leigos e sacerdotes, hierarquia e 'povo cristão'". Sendo esse livrinho de fácil compreensão, manuseio e aquisição, a possibilidade da santificação estava colocada no cotidiano dos cristãos, possibilitando uma prática religiosa, onde todos, na "devoção", eram iguais diante dos santos e da tarefa de 'santificar' (Hoornaert, E., 1991, pp. 63,64,65).

12 Hoornaert, E. op. cit..

como utilizaram-se de parábolas, que, como linguagem figurada, ganham expressão pelo significado que atribuem nas suas experiências. Entretanto, ainda é preciso ter presente a forma como José Camilo se colocou diante do “*estudo da palavra de Deus*”.

... lá não dava prá fazer o apanhamento das coisas, quero dizer dessas coisas, prá quem o espírito alcança, prá fazer o apanhamento é o seguinte, eu mesmo não estudei coisa de vantagem, eu estudei muito a palavra de Deus que esta anunciada pelos dizeres do evangelho da bíblia, de Cristo Deus, quando ele andou na terra, nessa parte aí eu estudei muito, em medida que as coisas de Deus deixou escrito, foi assunto parábolo, *eu compreendo parte dessa coisa*, se for preciso de dá um depoimento dos dizeres sobre a palavra de Deus que tá escrito pelo Evangelho da Bíblia, eu sei olhar pro livro, eu Silvério José Camilo, sei olhar pro livro e declaro milhões de palavras... (José Camilo, grifos meus)

Nesta passagem, suas memórias apontam elementos que consideramos fundamentais para compreensão da experiência em Pau de Colher. Logo de início, sugere que o aprendizado das mensagens religiosas não foi realizado apenas durante o período em que permaneceram juntos na comunidade, mas que tal aprendizado vinha se forjando há muito tempo. A emergência daquela manifestação – cujo eixo articulador constituiu-se em reelaboração do que liam e ouviam para seus modos de vida – era a concretização de uma prática religiosa que vinha sendo construída durante alguns anos.

Importa, também, atentarmos para as possibilidades que algumas palavras desse recorte permitem apreender. *Apanhamento* indica fazer uma síntese daquilo que uma pessoa pode compreender, a partir de sua cultura, em sentido de recomposição da leitura/audição dos textos das escrituras, aproveitando-os para estruturar seus pensamentos e explicar suas experiências de vida.

Como “...lá não dava prá fazer o apanhamento das coisas...”, entende-se não só que Pau de Colher foi a expressão visível de um processo mais antigo, como também nem todas as pessoas fizeram parte, direta e igualmente, daquela experiência religiosa, realizada pela leitura/escuta de textos sagrados. É muito provável que a forma pela qual tiveram acesso ao conteúdo dos textos tenha sido em encontros, nos quais pelo menos um que sabia ler ia lendo e interpretando para os outros. Sendo a *Missão Abreviada* de fácil aquisição e compreensão, conforme Hoornaert, pode ter sido adquirida por várias pessoas, mesmo iletradas, para ouvir seus “dizeres” da boca de algum letrado. Lida repetidas vezes para audiências coletivas, é provável que suas mensagens tenham sido não só apreendidas como incorporadas com base em uma tradição de oralidade.

Como argumentou Ginzburg, ao se defrontar com a cosmogonia do moleiro Menocchio – através dos inquéritos do Tribunal da Inquisição –, “a rede interpretativa era de

longe mais importante do que a ‘fonte’. Mesmo se a interpretação partira do texto, suas raízes eram profundas”.<sup>13</sup>

Entretanto, seguindo as lembranças de Camilo, apenas as pessoas para “...*quem o espírito alcança...*”, sinaliza que nem todos os que ouviram suas leituras foram capazes de declarar e apanhar, para suas experiências de vida, o que fora lido e dito da Bíblia, nas reuniões coletivas. Nesta referência à capacidade de fazer um “*apanhamento*” de acordo com o “*dom da natureza*”, para “*quem o espírito alcança*”, temos indícios da projeção de uma primazia no uso desta linguagem religiosa, que comporta normas a respeito de “quem” fala, “como” fala, “sobre o que” e “para quem” fala.

Por enquanto, importa que “...*Sei olhar pro livro e declaro milhões de palavras...*” é frase emblemática porque evidencia, primeiramente e de forma clara, a maneira pela qual Camilo compreendeu que pôde decifrar os códigos escritos: “... *sei olhar pro livro...*”. O verbo olhar aponta para a ação de atentar, reparar ou mesmo de aplicar o sentido da vista. Nessa direção, ao aplicar o sentido da vista, prestando atenção na elocução que ouvia das leituras feitas e reparando nos gestos, foi capaz de memorizar a Bíblia, integrando passagens inteiras de seus textos na sua experiência de vida. Por isso, sabia declarar “*milhões de palavras*”, num indício de que não só havia memorizado a Bíblia, como era capaz de fazer seu apanhamento, integrando-a em suas vivências e lembranças.

É curioso e instigante que Camilo se reconheça como alguém que tenha tido pouco acesso aos códigos letrados - “*eu mesmo não estudei coisa de vantagem*”-, e que seu interesse ao conhecimento desse instrumental - a escrita - tenha ocorrido por intermédio de estudo da “*palavra de Deus(...) pelos dizeres do Evangelho da Bíblia, através das parábolas*”. Camilo estudou as “palavras” no sentido de voz, e não como letras, no sentido de escrita, e que as estudou enquanto palavras de Deus e não do mundo terreno.

Em Pau de Colher, pouquíssimos sabiam ler de forma “*leirinha*”, isto é, sem soletrar muito o texto que estavam lendo. Os poucos que sabiam, “*liam e escreviam muito mal.*”<sup>14</sup> Quem era “*leirinho*” lia para a audiência coletiva dos participantes todos

---

13 Ginzburg, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 116.

14 Fazemos referência a um levantamento realizado pelo jornalista Azevedo Marques, “Em cerca de duzentos presos, somente quatro sabiam ler e escrever muito mal. Na grande zona (...) reunindo cerca de duas mil almas, não encontrei uma única escola.” *Jornal Estado da Bahia \ Diários Associados*. Salvador 21\02\1938.

os domingos. Porém, tão importante quanto a forma como liam, parece ter sido o sentido afetivo e emocional daquilo que buscaram conhecer e o sentido prático que atribuíram ao que leram e ouviram. A escuta da Bíblia e de textos sagrados, para aqueles grupos, sugere que estavam se aproximando, através daquele procedimento, de um sentido religioso da vida social, da qual estavam excluídos e na qual se inseriam por intermédio de uma “leitura” de textos bíblicos, construindo uma religiosidade. Religiosidade que, assim, assume sentido de modo de vida, de luta e de resistência<sup>15</sup> frente a uma ordem que se constituía marginalizando-os e desqualificando-os social, política, cultural, religiosa e etnicamente.

Mais ainda, não estavam interessados apenas em conhecer por diletantismo: ao atentarem para o que ouviam, incorporaram aquelas leituras/audições em suas vidas e lembranças, num ativo processo de transfiguração, em que atribuíram novos significados aos textos sagrados, já que passaram a dizer respeito aos seus modos de ver, de compreender o surgimento do mundo e a situação social em que viviam<sup>16</sup>. Este amálgama entre palavras e imagens religiosas com relações e condições materiais de vida, que ganhou expressão nas memórias de Camilo, também aflorou em depoimento de outro remanescente de Pau de Colher, Luiz Dentão.

Se as memórias de José Camilo já possibilitam apreendermos como as leituras/escutas da Bíblia e da Missão Abreviada, passando de boca em boca no Nordeste chegaram a Pau de Colher<sup>17</sup>, trechos da narrativa de Luiz Dentão – gravada em 1987 em Casa Nova e permeada pela cantoria de benditos -, permitem vislumbrar como as pregações de José Camilo ecoaram naquela comunidade, principalmente quando se referiu aos castigos de Deus.

---

15 Thompson, Edward P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro; Zahar Editores. 1981. No item, “O termo ausente: a experiência”, o autor sugere que a “consciência afetiva e moral se desvela a si mesma na história e nas lutas de classes, por vezes como uma inércia mal-articulada (costumes e superstição), por vezes como um conflito articulado de sistema de valores de classe alternativos ... , por vezes ainda como um embate deslocado, confuso, mas ainda assim ‘real’ e apaixonado, no âmbito das formas religiosas (metodismo e milenarismo)...”, p.195.

16 A respeito da religiosidade como forma de referência ver Chauí, Marilena. *Conformismo e Resistência; aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

17 Prováveis circuitos destas pregações podem ser surpreendidos nas passagens dos beatos Quinzeiro e Severino Tavares, na região, conforme veremos mais adiante nos depoimentos de Chico de Roque, ou, ainda conforme este, nas romarias à Padre Cícero, no Juazeiro do Norte.

... Deus vai castigar seu mundo com rigoralidade, é com as peste, é com a fome, é com a sede, é com as feras, e com as guerra, e se escapar de um, não escapa dos terremotos, que há de haver nos quatro canto do mundo. Não tá havendo, não? (Luiz Dentão, grifos meus)

Mesmo de modo simplificado, em outra sequência e com combinações próprias, da fala de Luiz Dentão emergiram expressões bíblicas que acompanhamos nas lembranças de Camilo, como as referências ao que “*há de haver nos quatro cantos do mundo*” – que evoca sua concepção sobre criação do mundo –; ou a recorrência a pestes, fome, sede, feras, guerras, terremotos, com que Deus castiga o mundo no “*século da consumação*” (José Camilo).

Para além dessa acentuação na perspectiva disciplinar, vigilante e punitiva da presença da palavra de Deus nas memórias de Luiz Dentão, seu depoimento possibilita visualizar a complexidade das relações que se estabeleceram, na construção da comunidade religiosa de Pau de Colher.

Enquanto nas memórias de Camilo encontramos expressivo recorte, onde a palavra de Deus é apresentada como “*golpe de boa vida*”, “*prá toca aquela vida pesada e medida*”, com ordenações e regulamentações:

...ele [Senhorinho] oferecia aquela palavra de Deus a favor de nós todos sempre ficava com aquilo, sabe, apresentando aquele golpe da boa vida ... da boa vida prá nós tocá aquela vida pesada e medida do regulamento da orde como Deus marcou, declarou e ensinou prá dá o exemplo pra nossas família, prá os demais, e é isso. (José Camilo, grifos meus)

nas recordações de Luiz Dentão, a palavra de Deus foi lembrada para “*castigar seu mundo com rigoralidade*” (Luiz Dentão). Nessas diferentes incorporações da palavra de Deus percebemos a pluralidade de relações que os participantes de Pau de Colher experimentaram com as leituras/audições coletivas dos textos bíblicos, que ficaram com múltiplos sentidos nas suas memórias.

A trajetória da análise que empreendemos, até então, ocupou-se, principalmente, em tentar compreender significados nas memórias dos sobreviventes de Pau de Colher, um diálogo construído com lembranças *daquela* experiência religiosa, na qual deparamos com o enredo, a trama, a narrativa e o universo de sujeitos de uma cultura oral do Nordeste. Contudo, é também possível acompanhar, em depoimentos de contemporâneos de Pau de Colher, habitantes da região de Casa Nova em 1987 – que não

participaram daquela experiência de religiosidade –, como foram construídas memórias *sobre* aquele episódio religioso no mundo da oralidade.

No depoimento de Chico de Roque, que não participou de Pau de Colher e tinha 15 anos em 1938, quando houve a intervenção da polícia, acompanhamos recordações das histórias contadas pelo pai, que fora informante da Polícia Militar, sobre Pau de Colher.

Com um caráter mais informativo, próprio de quem acompanhou de fora aquela experiência, Pau de Colher – sítio de propriedade da família de Senhorinho –, ficava numa área limítrofe entre os municípios de Casa Nova, na Bahia, e São Raimundo Nonato, no Piauí. O solo apresentava excelente capacidade produtiva, “*lá era umas cabeceira muito forte, todo mundo tinha meio de vida*” e os proprietários dedicavam-se, principalmente, a atividades de criatório e venda de gado. Nas lembranças de Chico de Roque, Pau de Colher.

... era caminho que passava [boiada] pro Piauí, prá lá, ia prá São Raimundo, Bonfim, ... de lá prá frente ... tinha seu Cândido Dantas *homem rico* que tirava boiada, hoje todo mundo é gente de boa vida, mas naquele tempo só era aquele povo mais ou meno...

[Senhorinho] trabalhava era de roça e tinha um certo criatório, era pouco mais tinha, não era como os outros flagelados não. (Chico de Roque, grifos meus)

Situando Pau de Colher ontem e hoje, Chico de Roque trata da sua localização como ponto de cruzamento de boiadas e boiadeiros, onde os mais ricos, “*mais ou meno*” e “*flagelados*”, relacionaram-se, trabalhando na comercialização de gado, na roça e em certo criatório. Ainda seguindo sua narrativa,

... Era um pessoal que o povo considerava bom, esse pessoal daí dessas cabeceira, um pessoal que não censurava nada, negócio foi depois que chegaram esse pessoal de fora, enchendo a cabeça deles de coisa ... José Lourenço, o Severino, esse Quinzeiro foi que vieram de fora ... foi depois desses homem que eles ficaram assim. (Chico de Roque)

temos alusões que, após a passagem de beatos, “*enchendo a cabeça deles de coisa*”, foi que famílias da região começaram a se reunir no sítio de Pau de Colher.

Saiam em volta do Pau de Colher pregando e vinha gente aqui do município, só não meu pai que nunca foi lá, mais uns colegas dele, vaqueiro aqui da Boa Vista desses do lugar, ... o pessoal todo vinha ver a pregação dele, chegavam de lá encantado com aquela pregação porque *naquele tempo não tinha e hoje já tem*, o povo pega a bíblia no tempo lá, naquele

tempo lá *não tinha aquilo tudo*, faziam aquela pregação, o povo ficava tudo doido fanatizado, eles tinham muito queixo prá enrolar o povo.

Colocando-nos diante da trajetória de pregadores itinerantes, que circularam pelo sertão promovendo leituras/audições de textos bíblicos e congregando adeptos da palavra de Deus, as memórias de Chico de Roque possibilitam entrevermos circuitos da fala e de práticas culturais de leitura, em um tempo em que *“não tinha e hoje já tem”* outros meios de comunicação e de acesso a livros e informações. Naquele *“tempo lá”*, *“o povo pega a Bíblia”* – única referência e fonte de intercâmbio com outros universos culturais – e, como *“tinham muito queixo prá enrolar”*, deixaram *“ tudo doido, fanatizado”*.

Mesclando expressões e vocábulos com os quais diferentes tempos e veículos trataram dessas manifestações religiosas de organização de grupos populares, na detalhada narrativa de Chico de Roque sobre aspectos geofísicos, atividades produtivas da região, importância de Pau de Colher enquanto locus de circulação de boiada, mercadorias e idéias, chama atenção sua descrição das características físicas, habilidades intelectuais e discursivas de Senhorinho e José Camilo.

O Senhorinho ele era assim do *tipo moreno, feito caboclo*, sujeito bem moreno, o cabelo bom que não dava uma volta, *mais a cor assim preto, feito moreno cafuço*, assim moreno, *sujeito conversador*, ... ele assim parecia era uma pessoa bem, *bem culto* bem parecia na *presença de um doutor*. De uma coisa bem sabida, ele era muito inteligente, *ele dava prá enganar muita gente*; ele nasceu no mato mas era bem desenvolvido.

José Camilo era um dos pregador danado, esse Senhorinho era uma *pessoa analfabeta assim como eu*, ele *não tinha leitura não*, mais era inteligente que só a peste, ele *por conta própria*, assim pregando a lição aprendeu, ele *lia desembaraçado, era errada a leitura mais ele lia tudo* desembaraçado e tinha uma cabeça terrível esse homem conversava que parecia uma coisa, ele tinha muito queixo, ... mais era inteligente demais esse José Senhorinho, era uma fera de inteligente mesmo, *ele lia a Bíblia*, essa coisa toda e fazia tanta miséria e *disse que tinha muito livro*, aquela seita foi se criando... (Chico de Roque, grifos meus)

Dos traços étnicos para os sociais e culturais – *“sujeito conversador”*, *“bem culto ... parecia na presença de um doutor”* –, Chico de Roque tematizou um saber popular, de pessoas do *“mato”*, *“analfabetas”*, que, *“por conta própria”*, aprenderam e pregaram a *“lição”* da Bíblia. Resolveu, de forma muito significativa, a incoerência entre *“não tinha leitura não”* e *“lia a Bíblia”* ou *“lia tudo desembaraçado”*, com a expressão *“era errada a leitura”*, *“dava prá enganar muita gente”*. O encaminhamento que

atribuiu, em suas memórias, a essas questões, merece destaque porque permite acompanhar como contemporâneos de Pau de Colher trataram, no contexto de seus modos de ser e de lembrar – também marcados pela oralidade –, aquelas reelaborações da Bíblia, enquanto leitura errada para enganar muita gente.

Através de suas lembranças é possível surpreender perspectivas que levaram alguns sujeitos e famílias a se envolverem com as pregações e a se organizarem em comunidade orientada por incorporações da palavra de Deus, enquanto outros guardaram distância. Nessa direção, o depoimento de Raimundo, também conhecido como Doca do Zé de Horácio, ou simplesmente Doca, nascido em 1892 e com 95 anos quando foi entrevistado em Jatobazinho, em outubro de 1987, é exemplar. Em suas memórias chama atenção como registrou e se posicionou frente a Pau de Colher, uma vez que suas lembranças foram marcadas pela relutância em se aproximar daquele exercício religioso.

Ah! Eu não fui não, não fui não, porque ninguém sabia qual era o *plano deles*, ninguém sabia, tava na rezarina deles prá lá, eu não fui, eu saía lá pra ir nesta feirazinha [de Pau de Colher] mas quando tava lá eu voltava logo, eu não tinha aquilo lá, *com a lei que eles tavam lá não*. (Doca de Zé Horácio, grifos meus)

Ao atentarmos para seu depoimento, permeado pela desconfiança em relação ao “*plano deles*”, “*à rezarina*” e pelo distanciamento “*com a lei que eles tavam lá*”, percebemos que Pau de Colher constituiu-se como comunidade – com regras, normas e regulamentos pautados em princípios religiosos reelaborados de textos bíblicos –, reunindo muitos, mas nem todos habitantes da região.

Ao sermos colocados frente a Pau de Colher na fala dos outros, dos habitantes da região que ficaram de fora daquela experiência religiosa, é que podemos dimensionar melhor os sentidos atribuídos à incorporação de textos bíblicos na organização de uma comunidade de sujeitos identificados com a palavra de Deus à luz de suas linguagens e cultura.

E, por intermédio das lembranças de Chico de Roque, ainda ficamos sabendo que “*gastaram mais de dois anos e tanto...*” reunidos em Pau de Colher.

Era todo mundo reunido, o povo lá deixava as casa e tudo, teve foi muita gente que deixava as casa muito antes e foram morar lá direto, trabalhava naqueles tempo, chovia bastante, eles plantavam muito, *enchiam as casa de feijão, milho, essas coisa toda*, ficaram direto morando lá. (Chico de Roque, grifos meus)

Reafirmando registros da imprensa<sup>18</sup>, Chico de Roque narrou que muitos abandonaram suas casas, foram morar em Pau de Colher, onde plantaram “*feijão, milho, essas coisa toda*”. Esse recorte nos modos de vida em Pau de Colher leva a retomar José Camilo, quando, tratando da alimentação, disse:

lá não comia toda comida não, olhe, lá se comia feijão, milho, arroz e tomava café, carne não comia de animá nenhum do mundo, nem vê, carne de espécie nenhuma, agora cereais, olhe, na casa tinha depósito de feijão, depósito de farinha, depósito de tapioca, de milho...  
(José Camilo, grifos meus)

Se nas lembranças dos habitantes da Casa Nova, os que se deslocaram para Pau de Colher ficaram marcados pela “*rezarina*”, “*lei que tavam lá*”, “*leituras erradas da Bíblia*”, assim como pelo que plantaram e comeram, temos evidências de que os participantes daquela experiência diferenciaram-se dos demais não só por sua religiosidade, como também por seus modos de viver, em que tanto o que comeram, como o que vestiram, ainda apontava para como incorporaram a Bíblia – na qual a abstinência de carne também vinha de uma tradição regulamentada segundo preceitos divinos.

Do conjunto dessas memórias *de e sobre* Pau de Colher, que conseguimos preservar e trabalhar, fica a perspectiva de que homens e mulheres do sertão baiano, afastando-se de uma sociedade constituída por relações que os desqualificaram social, cultural e etnicamente, construíram – em torno da leitura/audição coletiva de textos bíblicos – uma experiência religiosa que os diferenciou enquanto os organizou em uma comunidade. Tanto pela religiosidade, a partir da qual produziram idéias e saberes sobre o mundo, orientações para suas condutas e sentido para suas vidas; quanto pela sua cultura material, segundo a qual comeram, vestiram, moraram e simbolizaram suas hierarquias e relações de modo próprio, criaram e viveram um mundo distinto, referenciado a incorporações de dimensões do universo bíblico.

Distinto, mas não isolado da sociedade à sua volta, uma vez que sua diversidade constituiu-se nos modos próprios com que se relacionaram e incorporaram textos, objetos, práticas e princípios da cultura eclesiástica para seus universos culturais e condições materiais de vida e de luta.

---

18 Jornal *A Tarde*, Salvador, BA, 04/02/1938. Segundo esse jornal, “os fanáticos vestiam roupas pretas, abandonavam suas casas de portas abertas, assim como suas lavouras e criatórios, deixando de viver na abastança para morar numa latada comendo feijão e milho em água e sal”.

Esse trabalho que realizamos com memórias de e sobre Pau de Colher, nos instiga a retomar as reflexões formuladas por Alessandro Portelli a respeito de discussões referentes a “memória dividida”.<sup>19</sup> Dividida no sentido bipolar entre uma memória “*oficial*” e outra “*comunitária*”, desconsiderando que a memória “se fundamenta na experiência vivida e em noções profundamente sentidas”.<sup>20</sup>

Retomando os depoimentos *de e sobre* Pau de Colher, percebemos que para além de uma memória dividida entre os de dentro e os de fora, ou os que lembram de e sobre Pau de Colher, ganharam sentidos as tensões manifestas em distintas formas de rememorar que trazem consigo os modos e lugares com que diferentes sujeitos viveram aquela experiência religiosa, atribuindo-lhe diversos significados. Rememoram a partir de inserções peculiares a essa experiência religiosa.

Conforme as narrativas, enquanto Camilo apresentou suas memórias recitando parábolas, profecias e ensinamentos bíblicos para levar a vida “*apresentando aquele golpe da boa vida ... prá nós tocá aquela vida...*”, as lembranças de Luís Dentão afloraram trazendo a perspectiva punitiva da palavra de Deus, cantando benditos em que a repetição do refrão em coro evoca como a maioria dos integrantes de Pau de Colher participou daquela experiência religiosa. Em nítido contraponto à posição ocupada por José Camilo a partir do “*apanhamento*”, isto é, da interpretação e incorporação que era capaz de fazer dos textos bíblicos para seus modos de vida.

Por outro lado, as memórias de Doca e Chico de Roque, ao apontarem para “*leituras erradas da Bíblia, prá enganar muita gente*”, deixando “*tudo doido, fanatizado*”, naquela “*rezarina*”, assemelham-se a expressões correntes nos meios policiais e jornalísticos que reprimiram e deram visibilidade a essa experiência nos meios de comunicação.

A partir dessas leituras das memórias em torno de Pau de Colher, consideramos como Portelli, que a memória é

dividida não só entre uma oficial e outra comunitária (...). Na verdade estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas.<sup>21</sup>

---

19 Portelli, A. “O massacre de Civitella Val Di Chiana, (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum”. Apud Contini, G. “La memoria divisa”. In Amado, J. e Ferreira, M. M. (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 105.

20 Portelli, A., op. cit., p. 125.

21 Portelli, A., op. cit., p. 106 e 126.